

Hermes, a tartaruga e a lira. Excerto retirado de “Que porra é essa – poesia?”

Alberto Pucheu

Para a poesia lírica, existe uma dependência inata entre ela e o animal, a tal ponto que, não fosse este último, não haveria o canto com a lira. Há milênios, ao se deparar com uma tartaruga logo ao sair recém-nascido de sua gruta, Hermes percebeu que ela, se morta, retirada sua carne, a partir de seu casco oco, poderia ajudá-lo. A carapaça seria envolta em pele de vaca, atravessada por duas talas de tálamo, ajustadas acima por uma trave perpendicular, pela qual se estenderiam sete cordas afinadas, de tripas de ovelhas. Morta, com seu casco – a lembrar a gruta em que o deus acabara de nascer –, com o auxílio luxuoso de ao menos uma ovelha e um bovino também mortos, a tartaruga seria a primeira a auxiliá-lo, oferecendo-lhe belos cantos através de uma nova arte inventada por ele, que, com seus muitos encantos e diversões, aliava a alegria, o amor e o sono tranquilo.

Em decorrência de sua invenção, Hermes foi levado a conseguir uma imensa prosperidade, ao trocar a primeira lira jamais criada pelas 50 vacas roubadas a Apolo, que tanto invejara o amável brinquedo, por sua vara folheada de ouro, por sua fidelidade e pelo renome ou pela glória. Se, em vida, segundo a tradição, apotropaicamente, o quelônio servia como proteção contra o mau-olhado ou contra os feitiços maléficos, morto, assistiria primeiramente a Hermes e, em seguida, a Apolo e, então, aos demais deuses e homens, propiciando-lhes a poesia cantada ao som da lira, música até então inaudita por mortais e imortais.

Em certo momento do hino homérico ao respectivo deus (v.242), mesmo depois do animal morto e transformado em instrumento poético-musical, é dito que Hermes estava “com a tartaruga debaixo do braço”. Tendo o auxílio das tripas de uma ovelha, da pele de uma vaca e das talas de cálamo, a tartaruga, um nome de animal (morto) para a lira em seu nascimento. Com grande ironia, já que o quelônio é um dos animais mais silenciosos, o verso 25 afirma que “Hermes foi o primeiro a fazer da tartaruga um cantor”. Vinda a lírica da tartaruga, não significa isso que, em algum grau, o quelônio, constituindo-a, também a possui? Sendo, como a gruta, o casco uma caixa de ressonância, já estaria nele, em algum grau, a poesia lírica? Com a ovelha emprestando suas tripas à lira, a música já estaria, em algum grau, na ovelha com suas tripas? Com a vaca emprestando sua pele para a lira, a música já estaria, em algum grau, na vaca?

Com os cálamos se erguendo para sustentar a vibração das cordas, a música já estaria, em algum grau, nos cálamos? Apesar das perguntas que deixo repercutindo, Hermes teria, segundo o verso citado, um papel transfigurador decisivo.

A lírica não começa com o poeta possuído pela Musa nem, portanto, pelo entusiasmo, mas com possibilidades que, brincando, uma criança (forte, sapeca e malandra), – bem verdade que divina, porém terrestre –, nascida na caixa de ressonância que é uma gruta, descobre nos animais e nos vegetais. Com Hermes, os animais e os vegetais são ainda mais poético-musicais que as Musas, é o que parece indicar Apolo, real companheiro delas e condutor de seu coro: “E olha que sou eu o companheiro das olímpicas Musas,/ que dos coros e da luminosa sequência do canto se ocupam,/ e do bailado viçoso e da sedutora vibração das flautas!/ Mas jamais outro interesse tocou assim o meu coração/ como essas obras, adstras para festas de jovens./ Assombra-me, filho de Zeus, quão docemente tanges a cítara!” [v. 450-455]. Como dito, a lira ganhou o apelido de “tartaruga”, e, para aprender a tocá-la, basta tomá-la por entre as mãos, manter a “tartaruga debaixo do braço”, dedilhá-la improvisadamente com o plectro deixando-a vibrar, permanecendo com ela e com o canto. Comparecendo, a Musa vem depois, apenas depois.

De resto, chegou até nós, não se sabe exatamente como, mais um apêndice a essa história. Diz-se que Hermes era tão malandro, mas tão malandro, tão mais astucioso que qualquer mortal que possamos imaginar, que, quando, no verso 25, é dito que ele “foi o primeiro a fazer da tartaruga um cantor”, não havia de maneira alguma, algo irônico ali. Talvez, no verso mencionado, – embora isso não possa ser captado pela razão humana –, haja a percepção de Hermes, mais astucioso que o mais astucioso dos mortais, de que o cantar está desde sempre e irredutivelmente atrelado ao não canto da tartaruga, à sua afonia, sendo o não canto e a afonia quem, de fato, cantam, sendo o não canto e a afonia o canto por de fora dos sons da lira e das palavras, sendo o não canto e a afonia o canto por de fora de todo e qualquer canto. Não temos, entretanto, como saber isso ao certo.

Em todo caso, passados todos esses séculos e milênios, é certo que a poesia não perdeu seu vínculo com os animais, nem tampouco com os vegetais, ainda que possa ter tido alterado o modo dessa relação inata; em nosso tempo, crítico e pós-mítico, em que – ainda – há poesia, o caminho do canto ou do poema inverte o daquele verso do hino homérico, levando o cantor a, lutando para preservar o animal vivo, lutando para preservar os animais vivos, se descobrir, ele mesmo, também uma tartaruga, se descobrir, ele mesmo, também tripas de ovelha, se descobrir, ele mesmo, também pele

de vaca, se descobrir, ele mesmo, também talas de cálamo, de que são feitos os braços da lira. Não será, de modo algum, irrelevante o fato de o verso 240 dizer que, ao se dar conta da chegada de Apolo para buscar seu gado roubado, Hermes “encolheu de imediato braços, pernas e cabeça” (talvez venha dele o apêndice chegado de modo inesperado e desconhecido). Se os gestos do inventor da lírica são indiscerníveis dos movimentos dos quelônios, – e ele estava, então, com a lira debaixo do braço –, pode-se ao menos suspeitar que seu canto canta como, hermeticamente, a tartaruga canta. Enquanto a tartaruga se faz lírica, a lírica faz-se tartaruga.